

HISTÓRIA, CIÊNCIA E PRÁTICAS NOBILIÁRQUICAS NO PRIMEIRO ROMANCE DE AUTORIA BRASILEIRA

Prof^a. Dr^a. Mannuella Luz de Oliveira Valinhas
Escola de Design – UEMG

Resumo: “As Aventuras de Diófanos – máximas da virtude e da formosura” – texto durante muito tempo atribuído a Alexandre de Gusmão – foi escrito por Teresa Margarida da Silva e Orta, está envolvido na controvérsia relativa ao surgimento do romance no Brasil. Sendo considerado por muitos estudiosos o primeiro romance brasileiro, o texto apresenta uma concepção de distinção nobiliárquica que dialoga com as principais tendências filosófico-políticas do seu tempo. Nesse texto analisamos como a autora relaciona as ideias de nobreza meritocrática (Verney) com os ideais de nobreza heróica (Matias Aires) e ainda advoga o agraciamento da distinção nobiliárquica aos grandes homens de ciência como forma de elevação moral da sociedade.

Palavras-chave: Teresa Margarida Silva e Orta, Distinção Nobiliárquica, Literatura brasileira setecentista.

Abstract: The text "As Aventuras de Diófanos - máximas da virtude e da formosura" was assigned to Alexandre de Gusmão for a long period, but it was actually written by Teresa Margarida da Silva e Orta and it is involved in the controversy regarding the novel appearance in Brazil. Considered by many specialists as the first brazilian novel, this text brings a concept of nobility distinction which dialogues with its main contemporary philosophical and political tendencies. At this article we analyze how Silva e Orta relates the notions of meritocratic nobility (Verney) and the ideals of heroic nobility (Matias Aires) and also advocates that the great men of science should be honoured as a step to society's moral elevation.

Keywords: Teresa Margarida Silva e Orta, Nobility Distinction, 17th century literature

A Autora

Filha do português José Ramos da Silva, que fez imensa fortuna no Brasil, tendo sido considerado o homem mais rico do Império Português àquele período¹ Teresa Margarida da Silva e Orta, nasceu em São Paulo no ano de 1711 († Belas, Portugal, 1793). Em 1716 a família muda-se para Portugal onde os filhos de José Ramos poderiam frequentar a corte e estudar nas melhores escolas do Reino. Em Lisboa estudou no Convento das Trinas, que destinava

¹ Conseguiu a capa de Cavaleiro da Ordem de Cristo, chegou a ter um ‘exército próprio’ e foi provedor da casa da moeda, cargo que deixou ao filho, Matias Aires.

moças bem nascidas à vida religiosa. Foi uma mulher brilhantemente instruída com a melhor educação formal que se podia cobiçar para o seu tempo. Para estabelecer e fixar a fortuna, José Ramos da Silva planejara que sua riqueza ficasse toda com o primogênito, Matias Aires, destinando as filhas à vida conventual.

Entretanto, o temperamento forte a fez desobedecer ordens paternas e contrair matrimônio com Pedro Jansen Moller, nobre sem fortuna. O casal se estabelece em Lisboa do leste, num palacete, e por seus salões passarão os maiores nomes das letras e das ciências lusas. O contato com o irmão e com outros pensadores, como Alexandre de Gusmão – de quem era amiga íntima – Frei Manuel do Cenáculo e Furtado de Mendonça, certamente contribuiu para o desenvolvimento do gosto pelo estudo das ciências naturais, matemática, astronomia e política.

Pedro Jansen faleceu um ano depois do lançamento do livro da esposa – 1753; eles tiveram 12 filhos. Já no fim da vida, Teresa Margarida sofreu perseguição do Marquês de Pombal, que a acusou de mentir ao Rei e a condenou à clausura, na qual permaneceu durante sete anos, sendo libertada pela Rainha D. Maria I após um pedido de Teresa² e a queda do marquês.

Polêmicas que envolvem a obra

As “máximas da virtude e da formosura”, enviadas à real mesa censória em 1750, foram publicadas pela primeira vez em 1752 (mesmo ano que as “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens”, texto do seu irmão Matias Aires), e o nome da autora que estampava o volume era: Dorothea Engrassia Taveda Dalmira (acrônimo de Teresa Margarida Silva e Orta). O pseudônimo utilizando um acrônimo do nome da autora já é um dos jogos de dissimulação tão presentes ao longo de todo o texto, e tão caros ao mundo letrado setecentista. O uso do pseudônimo é, ainda, responsável pela primeira

²ORTA, Teresa Margarida. Poema Épico-trágico. In: Orta, 1993.

grande questão publica que envolveu o texto, e que prendeu a atenção de diversos estudiosos: a real identidade autoral do livro. Atualmente não existe polêmica em relação à autoria, creditada a Tereza Margarida da Silva e Orta. Entretanto, durante o século XIX e XX, algumas questões foram levantadas em torno da autoria do texto, como também, em torno da nacionalidade da obra – se obra portuguesa, brasileira ou luso-brasileira. A atribuição da nacionalidade se torna um ponto crucial no que se refere à questão do surgimento do romance em terras brasileiras e também para os estudos em gênero e literatura (autoria feminina).

As mudanças no nome do autor e do título do livro nas edições anteriores ao século XX fornecem combustível às discussões – o jogo de simulações e dissimulações deixa de ser entendido como tal para que os leitores e estudiosos contemporâneos se dediquem a resolver o problema da autoria e fixar um título ligado a um texto e a um autor (a). O livro já foi impresso com os seguintes nomes: autoria de Dorothea Engrassia Taveda Dalmira, em 1752, com o título “Máximas da Virtude e da Formosura, com que Climenea e Hemirema, Principes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça”; com o mesmo título e autoria é reimpresso em 1777 pela Régia Oficina Tipográfica. No mesmo ano, e pela mesma oficina de edição, o texto é impresso com o título “Aventuras de Diófanes imitando o sapientíssimo Fénelon na sua viagem a Telêmaco”; com mesmo título uma última edição é impressa em 1790, entretanto a autoria dessa vez é atribuída a Alexandre de Gusmão. Os motivos pelos quais a já quase octogenária Teresa Margarida permitiu que a terceira edição do texto hoje aceite como seu, viesse a público em nome do seu amigo íntimo Alexandre de Gusmão³ não são oficialmente conhecidos.

Já no século XIX, com o título breve de “História de Diófanes, Climinea e Hemirena, Principes de Tebas”, a atribuição foi a “huma senhora portuguesa” (1818, pela oficina Rolandiana). Finalmente, no século XX (1945), sai no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional o volume “Aventuras de

³Ver: ENNES, 2003.

Diófanes” e a autora é Teresa Margarida da Silva eOrta. Foram decisivos os trabalhos do brasileiro Ruy Bloem⁴, para a atribuição definitiva da autoria e, ainda, para suscitar maiores discussões em torno desse texto. Bloem foi também o responsável pela análise do pseudônimo como acrônimo - Dorothea EngrassiaTavaredaDalmira – do nome verdadeiro:Teresa Margarida da Silva e Orta.

O Texto

No “Prólogo”, a autora justifica os motivos de sua escolha pela forma fantasiosa em um texto que tem por objetivo a anunciação de verdades morais. Os motivos anunciados referem-se a uma maior eficácia desse modelo discursivo:

Um dos defeitos, que alguns acharão nesta obra, será a idéia fantástica, podendo-se aplicar o mesmo tempo à história verdadeira; ao que respondo, que me persuadiram os Espanhóis, Franceses, e Italianos, que entendem ser esse método que produz melhor efeito, e como de Grego não sei cousa alguma, e as mais línguas pouco melhor as entendo, por não mendigar noticias antigas, nem me arriscar a mentir errando, me resolvi seguir o caminho desta idéia, em que são os eventos, e objetos fantásticos, mas não o essencial, que conduz para o melhor fim.⁵

A passagem traduz como a autora elabora a adequação do modo fantástico e do estilo romancero ao objetivo moralizante também anunciado no Prólogo:

... o ardente desejo com que procuro infundir nos ânimos daqueles, por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza e a constância nos trabalhos (...)⁶

⁴ BLOEM, 2003.

⁵ ORTA, 1993, p. 57.

⁶ ORTA, 1993.p. 56.

O gênero feminino também é retoricamente aludido no prólogo – “quando reparares em erros, que desfigurem esta obra, lembre-te que é mulher, que nas tristes sombras da ignorância suspira por advertir a algumas a gravidade de Estratônica, a constância de Zenóbia (...)”. O apelo ao feminino/masculino está disseminado ao longo do texto, por meio das constantes mudanças e fingimentos dos personagens (Hemirena-Belino – a princesa guerreiro; Climenéia – Delmetra, rainha e pastora, por exemplo). Esse apelo é um dos recursos utilizados para a construção do texto, que ainda faz uso de um sem número de dissimulações, duplicidades e simetrias, referentes aos personagens, mas ainda, à construção do mundo fantasioso onde ocorrem os eventos (a viagem, a corte onde os personagens aportam, etc). A definição de CRUZ traduz em poucas linhas aquilo a que o romance se dedica:

Primeiro (único) romance doutrinário verdadeiramente iluminista, nele se pratica uma crítica constante e racionalizada. Para além dos ideais de autonomia e da libertação pela razão (o *supere aude* kantiano), nele encontramos uma moral pragmática – que não esconde sua condição de ilusão necessária à sociedade – e a demanda da verdade da (na) filosofia onde a moral encontra seu lugar como ficção.⁷

O Mundo Social de Teresa Margarida

No universo cortesão do Antigo Regime Lusitano, ao contrário de uma atuação no mundo voltada para a auto-realização, cuja sociabilidade ancora, sobretudo, na possibilidade da manifestação pública da subjetividade, como nos séculos XIX e XX, temos uma moral e uma ética social nas quais o enfoque é dado à adequação dos sujeitos às situações sociais que se sucedem. O “eu” autônomo, cuja verdade se encontra na subjetividade particular e autodeterminada não tem lugar no universo social dinâmico do Antigo Regime. O tipo conhecido como o “discreto” – modelo de comportamento social – é

⁷CRUZ, 1993, p. 62

muito maleável socialmente, sendo, pois, capaz de se adequar às situações mais discrepantes de maneira satisfatória.

A sociabilidade, dessa forma, não se refere a um convencionalismo excessivo, mas, antes, trata-se de valorização dos deslocamentos necessários à interação pública, quando a principal questão que a move é a estabilidade e a ordem do corpo social. (tal configuração não implica, automaticamente, que a “sociedade” seja uma instância mais importante que o eu subjetivo⁸, mas que os jogos de dissimulação e simulação tendem a uma realização social e não meramente particular). A verdade no mundo da corte se traduz pela adequação e o foco é a manutenção do funcionamento social pelo respeito às regras, um elogio da moralidade na ação constante da atuação social.

A preocupação da autora, ao investigar as razões e as consequências sociais do enobrecimento, é, sobretudo, com as vantagens sociais advindas da nobilitação; isso é radicalmente distinto de uma mera comenda para distinção individual. Assim, a concessão da distinção nobiliárquica pelas ciências seria um dos fatores de valorização da própria sociedade.

A Nobilitação pelas Ciências

⁸“O que temos visto até agora, através do excêntrico caso da Primeira Modernidade de Castela, e o que poderíamos, facilmente, complementar com mais evidência histórica é a compreensão de que a emergência da racionalidade pós-medieval não –pelo menos não primariamente – dependeu do “renascimento” (ou do redescobrimto) das letras clássicas, por mais proeminente que este efeito tenha se tornado, na nossa visão das culturas da Primeira Modernidade, fora da Espanha. Muito mais fundamental era um novo tipo de autorreferência humana, aquela passamos a chamar de “condição subjetiva” [subjecthood], em que os pensadores da Primeira Modernidade podiam conceber a si mesmos como observadores exteriores puramente espirituais do mundo material que acreditavam descobrir “profundos” significados “embaixo” ou “atrás” da “superfície puramente material” do mundo dos objetos. Com o corpo humano sendo visto como pertencente a este mundo dos objetos, também se tornou possível inverter o processo de interpretação (ou seja, o descobrimento do significado “por trás” da matéria) e usar o corpo como uma tela por trás da qual se podem esconder intenções e pensamentos. (GUMBRECHT, 2010).

O sentido de ciência entendido pela autora e mobilizado no texto é expandido; não se refere apenas a um conhecimento empírico, mas a um modo de ver e agir no mundo. Para ilustrar segue um trecho do verbete “Ciência” (sciencia) do Vocabulário Portuguez e Latino (1728) de Raphael Bluteau:⁹

“Os gostos que ela promete a seus amadores são tão inocentes e deliciosos, que só quem não tem coração deixará de amá-la. É a ciência a Águia do juízo humano em todos os negócios políticos e militares; ela tem edificado as Cidades, ajuntando os homens, que andavam dispersos pelo campo, e ensinando-os a viver em boa paz, e amizade; ela é a inventora das Artes, a mestra dos costumes, e a diretora de todas as empresas humanas; ela nos descobre as entranhas da terra, para vermos nela como se gera o ouro, e como em um cristal a água congela; ela nos levanta ao Céu, para distinguirmos as quadras da Lua, e observarmos como reparte o sol as estações do ano. Com ela chega o homem a imitar a imensidade divina, fazendo-se presente em todos os lugares, para examinar a

⁹ O verbete completo como está na edição online do Bluteau: “Ciência: No rigor filosófico, é um conhecimento certo e evidente pelas suas causas. Na opinião dos antigos filósofos, só havia três castas de ciências, a saber: lógica, física e filosofia moral, que são as três principais, pelo meio das quais conhecemos a incerteza de todas as mais disciplinas. Porém, não são elas tão certas que não padeçam suas duvidas. Só a geometria é verdadeira ciência, porque procede por meio de demonstração. No mundo todo não se conhece a ciência coisa maior que a si própria. Os gostos que ela promete a seus amadores são tão inocentes e deliciosos, que só quem não tem coração deixará de amá-la. É a ciência a Águia do juízo humano em todos os negócios políticos e militares; ela tem edificado as Cidades, ajuntando os homens, que andavam dispersos pelo campo, e ensinando-os a viver em boa paz, e amizade; ela é a inventora das Artes, a mestra dos costumes, e a diretora de todas as empresas humanas; ela nos descobre as entranhas da terra, para vermos nela como se gera o ouro, e como em um cristal a água congela; ela nos levanta ao Céu, para distinguirmos as quadras da Lua, e observarmos como reparte o sol as estações do ano. Com ela chega o homem a imitar a imensidade divina, fazendo-se presente em todos os lugares, para examinar a natureza de todas as criaturas; com a Ciência aprendem os Médicos a curar doenças, os Políticos a governar Estados, os Juízes a discernir a inocência, os Matemáticos a prever o futuro, e os Sábios a cultivar as virtudes. A ciência é o mais rico tesouro do mundo; nela consiste toda a glória do homem; com as suas máximas se instruem os Príncipes, se governam os povos, se mantém os domésticos na obediência. A Ciência é uma, a ignorância é que a tem dividido em muitas seitas: Cínicos, Estóicos, Peripatéticos, Acadêmicos, Epicuristas, se houvessem sido perfeitamente cientes (científicos?), todos teriam dito o mesmo. As nossas ciências nada tem certo, que sua incerteza. Homem muito ciente, sem virtude, é como as árvores, que tendo muita folha, não dão outro fruto que sombra, nem fazem no mundo outro rumor que o que o vento lhes faz fazer. Em muitos as boas letras são como no Pavão as belas plumas; com elas pouco, ou nada se levantam. Por isto diz Quinto Curcio, que para sublimar um homem, mais poder tem a Fortuna que a Ciência. Tomou Alciano por Armas o Caduceu de Mercúrio, que é o símbolo da Eloquência, e a Cornucópia de Almathea, para dar a entender que a Ciência lhe metera em casa a abundância. A poucos sucede o mesmo. Os mais florentes Estados foram governados em paz pela Ciência; esta verdade experimentaram os antigos em Athenas, Roma, Lacedemônia. Triste do Estado, no qual é injuriado Aristides, Sócrates desprezado e Aristóteles em véspera de ser desluzido.

natureza de todas as criaturas; com a Ciência aprendem os Médicos a curar doenças, os Políticos a governar Estados, os Juizes a discernir a inocência, os Matemáticos a prever o futuro, e os Sábios a cultivar as virtudes. A ciência é o mais rico tesouro do mundo; nela consiste toda a glória do homem; com as suas máximas se instruem os Príncipes, se governam os povos, se mantém os domésticos na obediência.”¹⁰

A atitude científica “espiritual” trata, então, de uma dedicação às ciências que pode ser considerada como uma atitude de coragem nobre (heróica). Como a nobreza espiritual é anterior à nobreza socialmente reconhecida, o reconhecimento por meio da nobilitação desse espírito genuinamente científico traria excelentes frutos para a sociedade, servindo, inclusive, para melhorar a arte da governação, mantendo a ordem social mais clara e duradoura.

“e como não basta para operar nos ânimos das gentes a autoridade Régia, e submissão dos vassallos, é preciso senhorear suavemente as vontades, para que os homens conheçam as grandes vantagens, que levam os que melhor servem.

Os homens grandes nas ciências se fazem com regalias, isenções, e boa renda. Se os mestres não tiverem grandes aumentos, estimações, riquezas, e privilégios, como haverão moços, que gastem os melhores anos de suas vidas em contínuos estudos, se para tanto trabalho os não subornarem grandes esperanças?”¹¹

Essa disposição não estabelece relação com ambição ou arrivismo social simplesmente, mas com uma disposição do espírito a se deter na melhora da ciência como ferramenta da sabedoria e não da demonstração vaidosa de conhecimento cumulativo.

“porque a arte de governar se acha com a prudência, se defende com a ciência, e com a experiência se conserva: não só devem ser sábios os Ministros, como também nobres;

¹⁰BLUTEAU, 1728

¹¹ORTA, 1993, p. 120.

porque assim como aumenta a ciência o lustre da nobreza, também é esmalte da nobreza a ciência, que a acompanha.”¹²

“Oh quantos lisonjeiros tem profanado a vossa presença com enganos, não a sabendo gratificar com a verdade! E refleti, senhor, em que os que ignoram as obrigações de bem nascidos, desconhecem a grandeza da Majestade, e por esta razão os grandes, e a nobreza são destinados para servi-la. Logo não em hei de servir (disse Anfiarau) com outra casta de homens, ainda que dignos sejam? Não só são grandes, (lhe respondi) e nobres os que procedem de antiga, e preclara geração, *porque também as ciências fazem grandes, e enobrecem os sujeitos; e o admitir, e engrandecer este é preciso, para inspirar a todos o amor das letras, e infundir-lhes suavemente o espírito estudioso,*”¹³

O modo de analisar a nobreza e a possibilidade de nobilitação como exposta no texto de Teresa Margarida tem uma relação estreita com a idéia de nobreza heróica de Matias Aires, nas “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens”, que reafirma o *reconhecimento* da ação nobre, assim como do sujeito que a praticou; tal reconhecimento, sendo atributo exclusivo do Rei, coloca em funcionamento as diferenciações do corpo social que garantem o funcionamento do Antigo Regime (distinção e fabricação de modelos). Entretanto, diferente da meritocracia defendida por Verney, esse reconhecimento não seria meramente uma premiação merecida devido a feitos, mas a *publicizaçã*odas ações como demonstrativas do espírito da (própria) nobreza e de como ela se manifesta naquele que as pratica.

No “Verdadeiro Método de Estudar”, Verney, além da defesa da nobreza pautada por ações virtuosas e não da linhagem hereditária, a nobilitação refere-se, sobretudo, às características particulares do sujeito nobre, é um merecimento relativo a uma ação, não é a manifestação da virtude

¹²ORTA, 1993, p. 118.

¹³ORTA, 1993, p. 122.

publica tornada visível por uma ação individual, mas uma característica pessoal do sujeito que pratica a ação virtuosa.¹⁴

Teresa Margarida Silva e Orta escreve um texto que dialoga com as principais tendências levantadas pelos homens de letras e ciências do seu tempo – tanto em relação às questões sociais (uma delas a nobreza e o lugar das ciências na sociedade), como em relação aos modos de enunciação literárias, as capacidades das *gentes* segundo o gênero ou a posição social, o poder das ciências e outras. Muitas questões devem ser discutidas a partir das “Aventuras de Diófanos” que se mostra um texto ainda pouco debatido para o numero de questões que levanta, apresenta e discute.

REFERÊNCIAS

AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna*. (1752). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

ARAÚJO, Sofia de Melo. Aventura de Diófanos, de Teresa Margarida da Silva e Orta: Os ideais de Climenéia e Diófanos à luz dos tempos. *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXIII, Porto, 2006 [2008], pp. 103-126

¹⁴“além disso, se a nobreza de um titular ou fidalgo nasce, da vontade do Príncipe, que quer, que aquele homem seja honrado, isto é, seja fidalgo; o mesmo Príncipe, que dá o titulo, ou nobreza, a um, pode dá-la a cem mil: e consequentemente todos ficam igualmente nobres. *Não assim a nobreza, que consiste na virtude: pois nem o Príncipe pode ma dar, nem tirar*. A mesma lei confirma isto, pois degrada os homens da nobreza, em certos casos: de que as histórias nos dão mil exemplos. O que mostra evidentemente, que esta chamada nobreza hereditária, ou jus à estimação dos homens, é coisa que se pode dar, e tirar: e consequentemente, ninguém se deve desvanecer porque a tem: nem desprezar outro porque a conseguiu mais tarde.” VERNEY, 1746, p. 70, grifos nossos

ATHAYDE, Tristão de. Teresa Margarida da Silva e Orta, precursora do romance brasileiro. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 212-218.

BLOEM, Rui. Uma escritora brasileira do século XVIII. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993,

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Português e Latino*. (1728). Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Data do ultimo acesso: 05-06-2015.

CRUZ, Maria de Santa. Dorothea.. Boletim/CESP. v.13, n 15, 52-76, jan-jun. Belo Horizonte, FALE/UFMG1993.

ERNESTO ENNES, In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Como a Renascença ausente tornou-se Barroco em Castela (e porque isso deveria nos importar)”, In: *Mal Estar na Cultura*. Revista da pós-graduação em filosofia – UFGRS. Abril-Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/Gumbrecht%20Barroco%20Castela.pdf> Data da ultima consulta: 09/06/2015

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. Aventuras de Diófanos. In: *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

THRISTÃO DE ATHAYDE, Teresa Margarida da Silva e Orta, Precussora do Romance Brasileiro. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993,

VALINHAS, Mannuella Luz de Oliveira. A Idéia de História em Matias Aires. Tese de Doutorado. Departamento de História – PUC-Rio. 2012.

VERNEY, LuisAntonio. Verdadeiro Método de Estudar. (1746). In: SALGADO JR., Antonio (org). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1949-52.